



A conquista: a questão do *outra* na “Inglaterra” de Alfred, o Grande (século IX)

Isabela Dias de Albuquerque*

Resumo

Este artigo estuda as relações entre os anglo-saxões e os *vikings* durante o período de Alfred, rei de Wessex (871 e 899) e de que forma as identidades dos dois grupos são representadas. Duas fontes narrativas são utilizadas: *The Anglo-Saxon Chronicle*, compilada no reinado alfrediano, e *The Life of King Alfred*, que narra a vida do rei em questão, bem como os principais acontecimentos do período.

Palavras-chave: identidade, Inglaterra, Idade Média.

Abstract

This article studies the relationship between the anglo-saxons and the *vikings* during the period of Alfred, king of Wessex (871-899) and the ways in which the identities of both groups are represented. Two narrative sources will be used: *The Anglo-Saxon Chronicle*, compiled during the alfredian reign, and *The Life of King Alfred*, which narrates the life of the mentioned king and the main events of the time.

Key-words: identity, England, Middle Ages.

1. Introdução

No período medieval, a antiga província romana da *Britannia* não fica livre de migrações, guerras, conquistas territoriais e estabelecimento de povos vindos de outras regiões, sejam elas distantes ou não. Com os pictos¹, com os anglos, saxões e jutos, com os

* Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC)/UFRJ – mestranda.

¹ Povos de origem celta que habitam a região ao norte do muro de Adriano. Os escoceses consideram os pictos seus antepassados.



*vikings*² ou com os normandos, com pagãos ou cristãos, a “Inglaterra”³, na Idade Média, não esteve livre de contatos de diferentes povos.

Convencionou-se chamar de Era Viking na “Inglaterra” o período que vai de 793, com o ataque ao mosteiro de Lindisfarne, na costa de Northumberland, até o ano de 1066, quando é morto o último rei de origem escandinava, Harald, e inicia-se o período normando na ilha. O objetivo deste artigo consiste em analisar de que maneira essa relação dos anglo-saxões, com o elemento exógeno, ocorre no período de Alfred, rei de Wessex entre 871 e 899, e em como o contato com o outro torna importante pensar a própria identidade.

2. Sobre o *corpus* documental

Em relação ao material escolhido, duas fontes serão as centrais. A primeira delas é *The Life of King Alfred*, escrita em latim como *Vita Ælfredi regis Angul Saxonum*, provavelmente no ano de 888. Apesar de todo o debate existente na historiografia em relação à impossibilidade de utilizarmos o conceito de autoria para a Idade Média, a produção desta narrativa está associada à figura do monge galês Asser.

Sobre Asser, há poucos dados. O que podemos afirmar é que ele viveu parte de sua vida na corte do reino de Wessex, onde Alfred é rei. Outro ponto que merece destaque, também, é que foi bispo da sé de Sherbone a partir de 890.

As informações contidas em *The Life of King Alfred* são bastante heterogêneas e, apesar de se tratar de uma narrativa sobre a vida do rei de Wessex (Alfred), este não pode ser desconexo dos eventos que permeiam o século IX na ilha. Há, portanto, constantes referências ao longo da narrativa não só sobre a “Inglaterra”, mas também de outras regiões

² Apesar da grande discussão em torno do termo *viking/norsemen/ daneses*, para o contexto das invasões à ilha, optou-se por chamar esses povos escandinavos de língua germânica de *vikings*, pois estamos tratando de um período de interação destes com a Europa ocidental cristã. É válido lembrar também que, apesar de fazerem parte de um mesmo contexto cultural, estes *vikings* não se organizam enquanto grupos unificados.

³ Optou-se por utilizar aspas toda vez que nos referirmos à atual Inglaterra no período medieval, em função das discussões acerca do termo sobre a recorrência de seu uso. De acordo com TH Charles-Edwards, a utilização do termo *angli* e não *saxonis* é porque essa idéia é transmitida via Canterbury, durante e após a missão de Gregório, o Grande, no início do século VII. (CHARLES-EDWARDS TM, *The Making of Nations in Britain and Ireland in the Earl Middle Ages*. In: EVANS, Ralph. *Lordship and Learning: Studies in memory of Trevor Aston*. Woodbridge: The Boydell Press, 2004. p.17).



da Europa, sobre informações consideradas relevantes no período.

Diferindo em linha de *De Excidio Britanniae*, de Gildas (494-570), as incursões *vikings* em *The Life of King Alfred* não são vistas como um flagelo que se abate sobre os anglo-saxões, mas como uma oportunidade, uma provação para que não se afastem do caminho de Deus. Como se tratam de povos pagãos, render-se a eles poria em risco toda a trajetória cristã da “Inglaterra”, iniciada em 597 com a conversão do rei Ethelbert, de Kent.

A outra fonte a ser trabalhada é *The Anglo-Saxon Chronicle*. ASC⁴ trata-se de uma coleção de anais compilados sobre o período anglo-saxônico escritas originalmente em *old English* (inglês antigo). Antes do período alfrediano, havia apenas informações esparsas sobre reis, imperadores, santos e papas. É durante o reinado de Alfred que há uma melhor organização desses registros. Tanto que, os relatos posteriores ao período de Alfred tendem a ser muito mais precisos que os anteriores a ele.

Diferente do sentido contemporâneo, a crônica medieval não é marcada por fatos do cotidiano. Sua narrativa é construída a partir da data de um determinado evento – considerado importante ou relevante para os homens no momento em que a crônica é produzida – acompanhada de sua data. Podemos notar na crônica uma maior objetividade, pois se trata de narrativas curtas, com menos elementos literários que as *vitae*, textos hagiográficos ou as *historiae*.

3. O período anglo-saxônico e suas relações com os *vikings*

A “Inglaterra”, no momento das migrações *vikings* – *norsemen*, como são denominados nas fontes cristãs européias – estava dividida em diversos reinos que, constantemente, lutavam entre si. Há divergências em relação a quais seriam reinos propriamente e quais estariam apenas subordinados a esses, mas a nomenclatura mais tradicional para esse sistema é *heptarquia*.⁵ Esses reinos são formados a partir dos anglo-saxões, povos oriundos do norte da Europa continental que migraram para a província

⁴ Abreviação para *The Anglo-Saxon Chronicle*.

⁵ Termo cunhado por Henry of Huntingdon, no século XII, sobre a divisão da “Inglaterra” em sete reinos: Sussex, Wessex, Essex, Kent, Mercia (Mércia), East Anglia (Ânglia Oriental) e Northumberland (Nortúmbria).



romana da *Britannia* a partir do século V. De início, foram aceitos pelos bretões para lutarem contra os pictos, entretanto, passam a se tornar depois uma ameaça e ocupam as terras da *Britannia*, empurrando os antigos habitantes para o oeste – Cornualha – e o norte – País de Gales.

Assim como os bretões, os anglo-saxões passam a ser visitados, com cada vez mais frequência, por povos também de origem germânica: os *vikings*. Famosos pela ferocidade de suas incursões, esses povos escandinavos são, nessa época, ainda adeptos de uma religião politeísta e, entre os deuses presentes em seu panteão, encontram-se Odin, Thor, Frey, Freay e Njord, para citarmos apenas alguns deles. A documentação cristã, em sua maioria, descreve esses homens de acordo com o terror que estes causavam, não poupando nem mesmo igrejas e monastérios.⁶

A historiografia nos últimos anos tem preferido se referir ao período como *migrações*, tendo em vista que o termo invasões é carregado pejorativamente. Entretanto, algo que ainda intriga historiadores e arqueólogos é o que motiva esses povos a se deslocarem. Apesar de haver certas divergências em relação à resposta, algumas são postas à prova. O aumento populacional e a falta de terras cultiváveis estão entre um dos motivos. Entretanto, escavações arqueológicas realizadas nos últimos anos esclarecem que a população da Escandinávia, nos séculos VIII e IX, não é tão numerosa quanto se imaginava. Dentre as demais teorias, encontram-se o *espírito de aventura*⁷ e o fato de diversos chefes no continente requisitarem ajuda dos *vikings* em suas disputas locais.⁸

A partir de 835, de acordo com a ASC, os ataques *vikings* passam a ser cada vez mais frequentes e irão durar até o período alfrediano. Os assentamentos escandinavos tornam necessário dividir a “Inglaterra” em territórios governados pelos anglo-saxões – e aí o maior destaque vai para o reino de Wessex – e territórios sob domínio escandinavo – a *Danelaw*. Esta consiste em uma faixa de terra que abarca desde o sul do rio Humber,

⁶ CLEMENTS, Jonathan. *A brief history of the Vikings: the last pagans or first modern europeans?* London: Robinson, 2005. p. 18.

⁷ WILSON, David. *The vikings and their origins: Scandinavia in the First Millenium*. Londres: Thames and Hudson, 1970. p. 47.

⁸ NEVEUX, François. *A brief history of the normans: the conquest that changed the face of Europe*. Londres: Robinson, 2008. p. 26.



passando por praticamente metade da Mércia e todo o reino de East Anglia e Essex.

Estabelecidos os limites de atuação dos reis anglo-saxões e das lideranças *vikings*, a convivência passa a se desenhar de forma um pouco mais pacífica, muito embora as disputas territoriais não cessem por completo. Em áreas de domínio escandinavo não são incomuns os casamentos entre membros de origem anglo-saxônica e escandinava, seja entre os grupos sociais mais baixos, seja entre homens de origem nobre.

4. Referenciais teórico-metodológicos

A escolha de narrativas permite um debate rico das relações entre história e literatura na Idade Média, bem como dos limites de cada uma delas. Devemos, contudo, tomar alguns cuidados ao lidarmos com esse tipo de documentação, em especial quando se trata de Idade Média, devido à literalidade presente nos textos, na maioria dos quais encontramos elementos que dizem respeito a um universo ficcional. Entretanto, isso não deve representar um entrave para que deixemos de utilizar textos narrativos como fontes históricas, pois devemos considerar que o que é caracterizado como ficcional para uma sociedade não é necessariamente para outra.⁹

Para os homens da Idade Média, por exemplo, essa fronteira entre o real e a ficção se aplica também à própria discussão do conceito de história no período em questão. É importante lembrarmos ainda que, no período estudado, a história não é uma disciplina como entendemos hoje, mas se encontraria muito mais próxima das chamadas narrativas ficcionais.¹⁰ A grande questão seria não tomarmos essas narrativas como discursos provedores de uma verdade, mas – como qualquer fonte histórica – como um discurso sobre seu tempo.

Em relação aos referenciais teóricos sobre identidade, partimos do princípio de que ela é, por excelência, relacional e múltipla. As identidades podem ser reivindicadas de várias formas e, dentre as mais comuns, temos: compartilhamento de um mesmo passado –

⁹ CARDOSO, Ciro F. *Narrativa, sentido e história*. Campinas: Papirus, 1997. p. 24.

¹⁰ OTTER, Monika. *Functions of fiction in historical writing*. In: PARTNER, Nancy. *Writing Medieval History*. London: Hodder Education, 2005. p. 109



histórico ou mítico –, atributos físicos e psicológicos, inserção em uma mesma cultura, identificação de alguns elementos simbólicos, entre outros.

A construção ou manutenção de quem somos *nós* em oposição a *eles*, se dá por meio de sistemas classificatórios, pois estes criam as dicotomias entre os grupos em questão. É importante ressaltarmos também que a identidade é uma escolha. Alguns elementos são privilegiados e outros são deixados de fora e a grande pergunta é *por quê?* A identidade, nesse sentido, seria uma escolha, na qual relações de poder estão envolvidas. De acordo com Kathryn Woodward, “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.” (WOODWARD, 2007: 18) A identidade é o que está em jogo nas lutas sociais, para as representações do poder em si e para sua própria afirmação como tal.

Outro fator importante é o que diz respeito às várias facetas da(s) identidade(s). Na visão de Denys Cuche, as identidades não são blocos monolíticos e objetivos, o que dificulta, muitas vezes, sua compreensão. Um indivíduo ou grupo que está em contato com diferentes culturas poderia, portanto, fabricar a sua identidade, a partir de elementos que lhe pareçam convenientes, sem que sejam necessariamente opostos.¹¹

5. Análise das fontes

Podemos identificar, tanto em *The life of Alfred* quando na ASC, como os anglo-saxões vêem o elemento exógeno em seu território.

*The pagans fled at their approach, and attempted to defend themselves within the walls of the city. The Christians, perceiving their flight and the terror they were in, determined to destroy the walls of the town, which they succeeded in doing*¹²

¹¹ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2002. p. 193.

¹² *The Life of King Alfred: from A.D. 849 to A.D. 887. Part I* Disponível em <http://www.omacl.org/KingAlfred/> p. 10. Os pagãos fugiram à chegada deles e tentaram se defender dentro dos muros da cidade. Os Cristãos, percebendo a fuga deles e o terror em que se encontravam, decidiram destruir os muros da cidade, o que conseguiram fazer com sucesso (tradução livre da autora)



Como podemos perceber, a forma principal de identificação dá-se por meio da dicotomia cristãos *versus* pagão. O caráter religioso dos dois povos é o foco da escrita e não a origem deles. Há outros trechos ainda, em *The life of Alfred*, que se referem aos *vikings* como pagãos.

*As soon as the king's men knew that they were fitted with the pagan soldiers, they leaped to their arms, and bravely attacked those barbaric tribes:but the pagans, who had now for almost a month been tossed and almost wrecked among the waves of sea, fought vainly against them (...)*¹³

A mesma referência religiosa é adotada neste trecho, em que o termo *bárbaro* também aparece. Diferente do emprego do vocábulo no final da Antiguidade, bárbaro aqui se refere aos povos que não adotaram o cristianismo ainda e que, portanto, não fazem parte ainda da comunidade cristã.¹⁴

Já nas ASC, as identidades são marcadas de forma um pouco diferente, pois a referência ao pagão não é tão expressiva quanto na primeira fonte. Aos *vikings* referem-se como *danish-men*¹⁵ (daneses) e não simplesmente do ponto de vista do cristianismo. Outro dado importante sobre a ASC é que os anglo-saxões não são chamados de cristãos, mas de acordo com os reinos da heptarquia. Dessa forma, há referências *mercian*¹⁶ (mércios), *northumbrians*¹⁷ (northumbrianos), *west-saxons*¹⁸ (saxões do oeste), etc. As identidades locais são as mais destacadas, em detrimento a uma unidade.

¹³ *Op. Cit.* p. 15. Assim que os homens do rei souberam que eles estavam adaptados aos soldados pagãos, eles moveram-se para suas armas e bravamente atacaram aquelas tribos bárbaras: mas os pagãos, que, por quase um mês haviam sido jogados de um lado para o outro e quase foram destruídos pelas ondas do mar, lutaram em vão contra eles (...)

¹⁴ GEARY, Patrick. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. Cambuci: Conrad Livros, 2005.

¹⁵ *The Anglo-Saxon Chronicle Part 2: A.D. 750-919*. Disponível em <http://www.omacl.org/Anglo/part2.html> (capturado em 16 de março de 2009) p. 12.

¹⁶ *Op. Cit.* p. 12

¹⁷ *Op. Cit.* p. 10.

¹⁸ *Op. Cit.* p. 11.



6. Conclusão

Sendo assim, podemos concluir, que as relações na Inglaterra medieval dos anglo-saxões entre si e entre os *vikings* são bastante complexas. Apesar de ambos serem de origem germânica e apresentarem, portanto, uma estrutura social e política muito similar, os discursos sobre suas identidade, ponto de vista anglo-saxão é salientando a diferença. O anglo-saxão é tipicamente reconhecido como cristão, ao passo que, ao escandinavo, a terminologia pagã é atribuída. Entretanto, mesmo como cristãos, as diferenças entre os anglo-saxões existem e, por diversas vezes, vemos vocábulos que fazem referência aos gentílicos referentes à heptarquia.

7. Referências

Fontes

The Anglo-Saxon Chronicle Part 2: A.D. 750-919. Disponível em

<http://www.omacl.org/Anglo/part2.html> (capturado em 16 de março de 2009)

The Life of King Alfred. From A.D. 849 to A.D. 887. Part I and II Disponível em

<http://www.omacl.org/KingAlfred/> (capturado em 16 de março de 2009)

Bibliografia

ABELS, Richard. *Alfred the Great: War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England.*

Harlow: Longman, 1998

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: História e literatura.* São Paulo: Editora Ática, 2000.

BLACKBURN, Mark A.S. & DUMVILLE, David N. *Kings, Currency and Alliances: History and coinage of Southern England in the Ninth Century.* Woodbridge: The Boydell Press. 1998.



- BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- BUSTAMANTE, Regina M. da Cunha e THEML, Neide. História Comparada: olhares plurais. In: *Estudos Ibero-Americanos*, PUC-RS XXIX (2), 2003, p. 7-22.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, sentido e história*. Campinas: Papirus, 1997.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008
- CHARLES-EDWARDS, TM. The Making of Nations in Britain and Ireland in the Early Middle Ages. In: EVANS, Ralph. *Lordship and Learning: Studies in memory of Trevor Aston*. Woodbridge: The Boydell Press, 2004.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados* 11(5), 1991, p.173-191.
- CLEMENTS, Jonathan. *A brief history of the Vikings: the last pagans or first modern europeans?* London: Robinson, 2005.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- DA SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- DAVIDSON, H.R. Ellis. *Deuses e mitos do Norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004.
- GEARY, Patrick. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. Cambuci: Conrad Livros, 2005
- HARPER-BILL, Christopher. *Anglo-Norman Studies XXI*. Woodbridge: The Boydell Press, 1999.
- HINDLEY, Geoffrey. *A brief history of the Anglo-Saxons. The beginnings of the English nation*. London: Robinson, 2006.
- KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. In: *History and theory* 42. p.39-44, FEB.2003. [tradução de Maria Elisa da Cunha Bustamante]
- NEVEUX, François. *A brief history of the Normans: the conquests that changed the face of Europe*. London: Robinson, 2008.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.
- OTTER, Monika. 1066: The Moment of Transition in Two Narratives of the Norman



Conquest. In: *Speculum*. Vol. 74, No. 3, julho/1999.p. 565-586. capturado em 26/05/2010.

PARTNER, Nancy. *Writing Medieval History*. Londres: Hodder Education, 2005

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredreik Barth*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ROFFE, David. Hereward ‘The Wake’ and the Barony of Bourne: a Reassessment of a Fenland Legend. In: *Lincolnshire History and Archaeology*, 29, 1994, p.7-10.

SPINA, Segismundo. *A cultura literária medieval*. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

WILLIAMS, Peter N. *Narrative History of England*. Disponível em

<http://britannia.com/history/narsaxhist.html> (capturado em 20 de março de 2009).

YORKE, Barbara. *Wessex in the Early Middle Ages*. London: Leicester University Press, 1995

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993